

## **A REPRESENTATIVIDADE SÓCIO-ECONÔMICA DA CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ S/A PARA A CIDADE DE UBERLÂNDIA**

**Gerciane Vicene Borges<sup>1</sup>**  
**Roberto Reis Alves<sup>1</sup>**  
**Ronan Eustáquio Borges<sup>2</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

O mundo vive sob a influência direta ou indireta da atividade industrial. Percebemos, pela simples observação, quer seja em nossa casa, no supermercado ou na cidade, a presença da indústria como um fenômeno espacial e produtora de mercadorias para o consumo diário. A indústria é um elemento econômico, arquitetônico e social na organização do espaço.

A industrialização brasileira concentrou-se, até os anos 70, no “triângulo econômico brasileiro”, representado por São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A partir dos últimos anos desta década, esse quadro começou a mudar, graças às políticas de desenvolvimento econômico do interior do país, a incentivos locais em novas áreas e à urbanização de outras regiões.

Com isso, muitas indústrias mudaram sua localização ou construíram suas novas unidades em espaços mais atraentes quanto aos custos de produção, buscando sempre a maximização dos lucros. Esses novos lugares tinham de possibilitar ligações com os grandes centros consumidores, oferecer terrenos mais baratos, incentivos, com isenção de impostos e possuir força de trabalho abundante e desorganizada.

Esse processo de descentralização, ou, como salienta SANTOS (1995), de desconcentração das indústrias deu-se em direção às cidades médias próximas aos grandes centros ou com ligação viária para esses locais. Assim, vários municípios no estado de São Paulo foram privilegiados como: Campinas, Taubaté e São José dos Campos.

Uberlândia (MG), no período de 1975 a 1980, recebeu investimentos de indústrias multinacionais e nacionais. Dentre estas, estão: Souza Cruz, Cargil, Daiwa do Brasil, Brasfrigo e outras, cuja a instalação ocorreu devido a incentivos, como a doação de terrenos e infra-estrutura e isenção de impostos e da localização geográfica do município.

Atualmente, o setor industrial uberlandense conta com 2.858 estabelecimentos, correspondendo a 18% do total de empresas do município, ficando atrás apenas do setor de comércio e serviços. Emprega 15% da mão-de-obra, sendo responsável por 40% da arrecadação municipal e 43% da arrecadação estadual na região do Triângulo Mineiro (MG). (BORGES, 2000). Dentro da atividade industrial, a empresa Souza Cruz S/A possui uma grande representatividade.

Portanto, o objetivo deste trabalho visa mostrar a representatividade que a empresa em questão possui, destacando-a de maneira histórica, e o que a levou a vir para a cidade de Uberlândia e quais foram as vantagens dessa vinda, tais como: recolhimento de impostos geração de empregos, atração de novas indústrias, enfim, mostrar o quanto uma indústria de grande porte é importante para trazer desenvolvimento. Também queremos evidenciar o processo de produção, as campanhas antitabagistas juntamente com o contrabando de cigarros.

A escolha do tema deve-se pela importância que a Souza Cruz representa econômica e socialmente não somente para Uberlândia, quanto para todo o Brasil, ressaltando, por exemplo, que a empresa é responsável por uma das maiores arrecadações de impostos do país, mais de 70% do valor de uma carteira de cigarro é cobrada na forma de imposto pelo governo.

---

Trabalho apresentado no 8º Encontro de Geógrafos da América Latina em Santiago do Chile, de 04 a 10 de março de 2001.

<sup>1</sup> Alunos de graduação do Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

<sup>2</sup> Professor do Instituto de Geografia, da UFU

## **LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

Uberlândia situa-se no estado de Minas Gerais, na região do Triângulo Mineiro, localizada na latitude sul 18°55'23" e longitude W.Gr. 48°17'19". É um município que possui uma área urbana de 189km<sup>2</sup>, mais 3.851km<sup>2</sup>, de área rural, totalizando 4.040km<sup>2</sup>. E segundo o censo realizado em 1996, na área urbana existia 431.744 habitantes e na área rural, 7.242, totalizando 438.986 habitantes.

A cidade possui uma boa estrutura logística, pois, situa-se no entroncamento natural das principais rodovias brasileiras, e conta com duas ferrovias, ligando-a aos principais portos do país e está em projeto transformar o aeroporto da cidade em aeroporto internacional completando assim a estrutura de transporte. Além disso, está em fase de implantação o terminal intermodal de cargas. É o terminal norte do Complexo Hidroviário Tietê-Paraná, que, após o término das obras de transposição da barragem de Itaipu, totalizará mais sete mil quilômetros navegáveis.

O desenvolvimento industrial de Uberlândia ocorreu de forma variada, quanto ao ritmo, à origem dos investimentos e aos tipos de indústria. Vários fatores influenciaram no crescimento desta atividade, tais como: políticas de incentivos, redes de transportes, infra-estrutura urbana, etc. A cidade além de congrega vários serviços (médico-hospitalar, educacional, público, etc) e fluxos (pessoas, informações e produtos), exercendo, assim, a função de centro regional do Triângulo Mineiro tornou-se um grande centro comercial e o maior parque industrial da região.

## **COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ S/A: UM BREVE HISTÓRICO**

Em 1903, o Sr. Albino Souza Cruz, instalou, em Recife (PE), a primeira máquina capaz de produzir cigarros já enrolados em papel. Assim, começou a história da Cia de cigarros Souza Cruz, que é conhecida em todo o território nacional e em muitas partes do mundo.

A Souza Cruz, desde a sua fundação, foi muito importante para atividade da indústria de fumo no Brasil. Sete anos após a sua criação, já começou a ampliar o seu domínio empresarial, comprando a Imperial Fábrica de Rapé, de propriedade de José Paulo Cordeiro, no bairro da Tijuca (Rio de Janeiro). Em 1914, em busca de suporte tecnológico, Albino Souza Cruz manteve-se na presidência, mas passou o controle acionário para a British American Tobacco (B.A.T), transformando a empresa em sociedade anônima.

Em 1920, a empresa iniciou o processo de fomento da produção de fumo na região sul e instalou sua primeira usina de beneficiamento de fumo em Santa Cruz do Sul (RS). Nesse mesmo ano, a empresa adquiriu a Litográfica Ferreira Pinto, no Rio de Janeiro, sendo, atualmente, o Parque Gráfico da empresa.

Nas décadas de 30 e 40, a Souza Cruz expandiu seu mercado e sua territorialização, inaugurando várias fábricas (destaque para fábrica na cidade de São Paulo) e abriu filiais em algumas regiões do país.

Nas décadas de 70 e 80, o foco da empresa concentrou-se na busca de qualidade e modernidade, mediante assimilação de novas tecnologias, que visam atender, também, ao aumento das exportações. Baseado nesses preceitos, foi instalado, em 1974, o Centro de Pesquisas e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, responsável por todas as pesquisas na área agrícola, industrial, desenvolvimento de produtos e pelo controle de qualidade.

Em 1978, foi inaugurada a Fábrica Uberlândia, a maior e mais moderna unidade de produção da América Latina e, em 1987, foi implantado o primeiro armazém refrigerado para fumo em Brusque (SC), capaz de manter o produto com suas qualidades inalteradas por longos períodos.

A primeira Central Integrada de Distribuição, em São Paulo, foi inaugurada em 1995, visando manter a qualidade dos produtos e atendimento aos clientes, com uma rede mais eficiente de distribuição. Em dezembro de 1996, a Souza Cruz implantou um Complexo de Processamento de Fumo em Santa Cruz do Sul (RS), num investimento de R\$ 81 milhões, que gerou 2 mil empregos diretos e 13,6 mil indiretos e, em julho, de 1997, a Fábrica de Porto Alegre (Cachoeirinha) entrou em funcionamento.

Hoje, no Brasil, a Companhia conta com sua Matriz, Centro de Pesquisas e Desenvolvimento e Departamento Gráfico no Rio de Janeiro, possui duas fábricas de cigarros uma em Cachoeirinha no Rio Grande do Sul e a outra em Uberlândia, no Estado de Minas Gerais, sendo esta a segunda maior fábrica do grupo B.A.T., três usinas de fumo no sul do país, quatro Centrais Integradas de Distribuição, sendo elas em São Paulo, Rio de Janeiro, Contagem em Minas Gerais e Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Atualmente, a Souza Cruz possui unidades no Uruguai, na Argentina, Chile e Trinidad e Tobago (países da América Latina mais próximos do Brasil, que têm oportunidade de direcionar a sua produção para o território brasileiro, principalmente devido à existência do MERCOSUL), que se encontram em amplo desenvolvimento tecnológico.

## A TERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO DA CIA SOUZA CRUZ

Ao longo e infindável processo de organização do homem no espaço, foi estabelecido um conjunto de práticas por meio das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais. São as práticas espaciais, ou seja, nas quais existe um conjunto de ações espacialmente localizadas, que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais.

Segundo CORRÊA (1992), as práticas espaciais são as seguintes: seletividade espacial, fragmentação, remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora. As práticas espaciais citadas anteriormente não são mutuamente excludentes: ao contrário, podem ocorrer combinadamente ou apresentarem um caráter complementar.

No caso da seletividade, o capital no processo de organização de seu espaço, age seletivamente. Decide sobre um determinado lugar que apresente atributos julgados de interesse de acordo com os diversos projetos estabelecidos. A fertilidade do solo, um sítio defensivo, a proximidade da matéria-prima, o acesso ao mercado consumidor ou a presença de um porto, de uma força de trabalho não qualificada e sindicalmente pouco ativa, são alguns dos atributos que podem levar a localizações seletivas.

A Companhia de cigarros Souza Cruz é um bom exemplo no que diz respeito à seletividade espacial. Possuidora de uma complexa rede de unidades funcionalmente distintas, que operam em harmonia, a empresa em pauta possui uma organização espacial complexa, resultante de um variado processo de seleção. Nessa seleção, incluem-se cidades situadas nas regiões produtoras de fumo, a exemplo de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Inclui também centros que, por desempenharem importante papel na distribuição de bens e serviços, passaram a constituir-se em membros de sua vasta rede de distribuição atacadista: Santarém (PA), Feira de Santana (BA), Montes Claros (MG), São José do Rio Preto (SP) e Cascavel (PR), são exemplos de centros que foram selecionados pela Souza Cruz.

Quanto à outra prática espacial, a fragmentação pode ser explicitada pela expansão do consumo de cigarros no interior paulista que levou à criação, em 1974, da filial de vendas de Campinas, não atendendo, assim, ao interior paulista e sul-matogrossense com a filial de vendas de São Paulo, a que estavam ligados anteriormente. A metrópole paulista, por sua vez, passou a atender a seu próprio mercado aos Vale do Paraíba e aos das baixadas litorâneas. Nas zonas de fronteira, a Amazônia e o Centro-Oeste, cujos mercados consumidores ampliaram-se espacial e quantitativamente, o número de centros com depósitos atacadistas foi ampliado entre 1960 e 1989, passando de seis para treze, implicando uma fragmentação espacial.

O remembramento espacial significa uma reorganização do espaço atuante de determinada empresa, ou seja, é feita uma racionalização do seu espaço de atuação, por meio da concentração de unidades locais e áreas, originando uma nova estrutura espacial. Quando a produção sofre uma diminuição de sua procura gera razões que levam ao remembramento espacial. Ao contrário, com o aumento do acesso, eliminam-se áreas que só existiam anteriormente porque havia uma precária rede de circulação.

A Souza Cruz, entre 1960 e 1989, fez com que o conjunto das regiões Nordeste, Sudeste e sul, tivesse uma diminuição do número de centros dotados de depósitos atacadistas da empresa. A melhoria nos transportes rodoviários ocasionou a redução de 62 para 39 centros, levando ao maior espaçamento entre eles e, conseqüentemente, à ampliação da área de mercado de cada depósito.

Já a antecipação constitui uma prática que pode ser definida pela localização de uma atividade em um dado local antes que condições favoráveis tenham sido satisfeitas. Trata-se da antecipação à criação de uma oferta significativa de matérias-primas ou de um mercado consumidor de dimensão igual ou superior ao limiar, considerado satisfatório para a implantação da atividade.

*“A história espacial da Souza Cruz é rica de exemplos de antecipações espaciais. Assim, entre os migrantes gaúchos que a partir da década de 1950 dirigiram-se para o Sudoeste paranaense estavam numerosos produtores de fumo que já mantinham contatos com a Souza Cruz. Esta designa, por volta de 1955, um inspetor, vinculado à usina de beneficiamento de fumo de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, para organizar o processo produtivo do Sudoeste paranaense, assim garantir o futuro território da empresa de cigarros. Antecipa-se, assim, a criação de uma nova área fumicultora. A expansão da produção de fumo levou à criação mais tarde, em 1974, de uma usina de beneficiamento de fumo em Pato Branco, a principal cidade do Sudoeste paranaense”. CORRÊA (1995:39)*

Um outro exemplo está vinculado ao processo de distribuição atacadista de cigarros. Em 1957, quando Brasília estava em construção, os veículos da Souza Cruz começaram a visitar a região, imaginando ali um futuro centro de distribuição de cigarros para o varejo. Em 1960, quando da inauguração de Brasília, implantou-se um depósito atacadista; em 1970, a capital federal inaugurou uma filial de vendas que

controla vários depósitos atacadistas. Nessa época, em vista da construção da Rodovia Transamazônica e a política de povoamento da região norte, a Souza Cruz antecipou-se a criação do mercado regional, inaugurando em 1971, um depósito atacadista em Imperatriz no Maranhão.

Já na marginalização espacial, o valor atribuído a um dado lugar pode variar ao longo do tempo, devido a razões econômicas, políticas ou culturais, modificando, assim, os valores de determinados locais, levando-os à marginalização, ou seja, à margem da rede a que se vincula. Os exemplos são muitos, como no caso dos portos, que, num passado próximo, eram essenciais e, com o progresso técnico, perderam sua importância. O mesmo fato ocorrendo, quando uma atividade agrícola é abandonada numa determinada região e deslocada para outra, podendo levar à marginalização das cidades daquele local que antes dependiam somente desse tipo de atividade.

No que diz respeito às empresas, as mudanças locais não fogem à regra anteriormente exposta, pois, as corporações estão, com frequência, fechando e abrindo novas unidades, sendo esse processo ditado pela atração com que os lugares possam ou não estarem oferecendo de acordo com as necessidades das corporações.

A marginalização espacial causa impactos variados, como o nível de empregos e de impostos via fechamento das unidades da corporação e daquelas atividades ligadas a ela. Afeta também as interações espaciais dos lugares marginalizados, situados fora da rede de ligações in-ternas à corporação. O encerrar das atividades de uma unidade pode, no entanto, acompanhar uma reestruturação funcional no âmbito da própria corporação, na qual uma atividade substitui aquela que foi retirada do lugar, ou mantendo-se uma parte de suas antigas funções, neste caso, caracterizando-se uma marginalização parcial.

A Souza Cruz, em 1928, instalou na cidade gaúcha de Santo Ângelo a sua segunda usina de beneficiamento de fumo. E conseqüentemente observou o crescimento da fumicultura na hinterlândia da cidade, que era, na maioria das vezes, financiados pela companhia. Porém, em 1972, a região perdeu sua importância, e simultaneamente ocorreu o fechamento da usina e dos depósitos atacadistas ali existentes e Santo Ângelo ficou à mercê da marginalização espacial.

*“Em 1978 é implantada a maior e mais moderna fábrica de cigarros da Souza Cruz, localizada na cidade de Uberlândia, um estratégico centro que passa a produzir tanto para o Sudeste como para os promissores mercados consumidores das regiões Centro-Oeste e Norte. A implantação da fábrica, por outro lado, que representa também uma prática de antecipação espacial, implicou o fechamento em 1980 da fábrica de cigarros em Belo Horizonte, implantada em 1938. Como a capital mineira manteve a sua filial de vendas e depósitos atacadistas, configurou-se uma marginalização parcial”.* CORRÊA (1995,pg.42)

Da mesma forma, segundo CORRÊA (1995), no processo de valorização produtiva do espaço, é necessário que se viabilize a reprodução das condições de produção. Isto implica práticas espacialmente localizadas, via de regra, efetivadas pelo Estado ou pelas grandes e complexas corporações. A Souza Cruz fornece-nos um excelente exemplo mediante suas práticas, visando à reprodução das regiões fumiculturas criadas por ela no Sul do Brasil. O controle e a reprodução das condições de produções dessas regiões se fazem por diversos meios, entre eles a orientação e assistência agrônômica realizadas pelos seus técnicos, no âmbito de uma agricultura do tipo contratual. Um desses meios visa a atingir os jovens, futuros produtores de fumo.

Com base no trabalho de CORRÊA (1995), verifica-se a importância da Souza Cruz na transformação do espaço e as estratégias territoriais para a reprodução do capital, ao longo da história. Dessa forma, é interessante entender as novas estratégias da empresa mediante as mudanças econômicas.

## SOUZA CRUZ UBERLÂNDIA: HISTÓRIA, TECNOLOGIA E TRABALHO

A unidade Souza Cruz Uberlândia foi inaugurada, iniciando suas atividades, em 28/02/78, num terreno cedido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia no Distrito Industrial, com 872.135m<sup>2</sup> e, hoje, possui uma área construída de 150.169 m<sup>2</sup>, uma área coberta de 77.927m<sup>2</sup> e uma área verde de 721.966m<sup>2</sup>.

A localização deve-se a características locais de posição geográfica e incentivos como: Doação de terrenos, infra-estruturas e isenção fiscal. Feitos pelos Governo Federal, Estadual e Municipal.

A matéria-prima utilizada pela empresa é, sobretudo, fornecida pelas usinas de fumo e pelo departamento gráfico da empresa. O fumo utilizado pelas usinas, é produzido principalmente por pequenos produtores agrícolas, que trabalham em parceria com a Souza Cruz, cuja empresa financia o plantio e o cultivo, ficando com parte da colheita como pagamento. Ainda quanto à matéria-prima, a empresa produz 60% e adquire 40%, definindo um domínio da empresa sobre as fontes de matéria-prima, o que é uma característica do sistema flexível de produção.

Ainda no quesito matéria-prima, a unidade de Uberlândia possui uma fazenda de plantação de pinos e eucaliptos, próxima ao município do Prata (Fazenda Buriti da Prata), de onde sai a lenha utilizada pela empresa para a movimentação das caldeiras, o que representa 20% da energia utilizada, e os outros 80% de energia são obtidos pelo uso do petróleo 10% e da energia elétrica 70%.

Quando a Companhia iniciou as suas atividades em Uberlândia, usava máquinas de tecnologia inglesa, que são (*as máquinas que serão citadas neste trabalho pertencem ao processo final de produção*):

- Máquina elaboradora de cigarro MK8, com capacidade de produção de 2500 cigarros por minuto;
- Máquina encarteiradora AMF 4000, com capacidade de produção de 170 carteiras por minuto; e
- Máquina empacotadora MINIPAR, com capacidade de produção de 30 pacotes por minuto.

No início dos anos 80, chegaram outras máquinas também de origem inglesa, que são:

- Máquina elaboradora de cigarro MK9, com capacidade de produção de 4500 cigarros por minuto;
- Máquina encarteiradora AMF 5000, com capacidade de produção de 240 carteiras por minuto.

Até a primeira metade da década de 80, a companhia produzia um grande volume para conseguir suprir as necessidades do mercado nacional. Um dos principais reflexos disso foi o regime semipaternalista adotado pela empresa com relação aos funcionários, que na época, ganhavam um dos maiores salários do país (de acordo com a função) e ainda usufruíam de vários benefícios extras. Isto fez com que surgisse, por parte da mão-de-obra regional, uma certa vontade de trabalhar na empresa (para muitos, isso chegava a representar um sonho).

Em 1986, com as políticas econômicas frustradas do governo José Sarney, e ainda com o término de uma série de incentivos fiscais, a companhia começou a perder o seu regime semipaternalista sob os funcionários, que, em agosto desse mesmo ano, fizeram greve em busca de reajustes salariais, que durou nove dias, terminando sem alcançar os reajustes salariais e, ainda, havendo uma perda dos dias parados.

Para conseguir suprir as necessidades do mercado consumidor e adequar-se as mudanças do sistema de produção, a empresa começou a aprimorar o seu regime de produção flexível. Com isso no ano de 1989, uma das atitudes tomada pela empresa foi o regime de trabalho e folga. Os funcionários, que antes trabalhavam de segunda a sexta, passaram a trabalhar no regime de seis dias trabalhados por dois de folga. O que levou a empresa a formar três turnos de trabalho, instalados mais no início dessa mesma década (ainda no ano de 89, os funcionários passaram a ter participação no lucro da empresa; dois salários base por ano).

Na década de noventa, com a globalização, a empresa passou a exportar o seu produto, principalmente para a América Latina e Europa e, mediante as exigências impostas pela competitividade, foi obrigada a investir em novas máquinas com alta tecnologia, que começaram a ser adquiridas em 1994. As máquinas adquiridas foram:

- Máquina elaboradora de cigarro PROTOS 100, com capacidade de produção de 8000 cigarros por minuto (tecnologia alemã);
- Máquina encarteiradora X1, com capacidade de produção de 420 carteiras por minuto (tecnologia italiana);
- Máquina encarteiradora X2, com capacidade de produção de 420 carteiras box (de caixinha) por minuto (tecnologia italiana);
- Máquina empacotadora CK, com capacidade de produção de 50 pacotes por minuto (tecnologia italiana);

- Máquina empacotadora PACK OW, com capacidade de produção de 50 pacotes box (de caixinha) por minuto, que era utilizada para empacotamento de produto para exportação (tecnologia italiana).

Já em 1996, a empresa adquiriu uma remessa de máquinas atualizadas e com altas tecnologias. Essas máquinas são:

- Máquina elaboradora de cigarro PROTOS 2, capaz de produzir 16000 cigarros por minuto (tecnologia alemã);
- Máquina encarteiradora X 500, capaz de produzir até 530 carteiras por minuto (tecnologia italiana).

Com a compra dessas novas máquinas, houve um aumento do desemprego estrutural, pois as máquinas passaram a produzir o dobro de cigarros (de 8000 para 16000 por minuto) e, além disso, devido ao alto índice de tecnologia utilizado para a confecção das máquinas, elas passaram a identificar alguns de seus defeitos técnicos mecânico e eletrônico, refletindo, assim, na diminuição da mão-de-obra técnica.

Nos últimos anos, o Governo Federal aumentou os valores dos impostos para exportação com o intuito de diminuir o contrabando, que vem do Paraguai para o Brasil, esse aumento atingiu diretamente a Souza Cruz. Essa atitude fez com que a empresa extinguisse a produção para exportação (a fábrica de Uberlândia tinha grande parte da sua produção destinada à exportação), o que afetou a unidade de Uberlândia parando a produção durante seis dias em março 1999. Conseqüentemente, no começo de maio, foram demitidos cerca de 170 funcionários (nesse momento, surgiu o desemprego estrutural associado ao conjuntural).

A empresa possui hoje cerca de 1400 funcionários diretos (desses, 1200 são homens e apenas 200 são mulheres). Esse número tem decaído, no mês de junho de 2000, aproximadamente 70 funcionários foram demitidos. A causa dessas demissões foi principalmente as dificuldades econômicas pelas quais o país ainda passa, pela presença do fenômeno da terceirização e pelas campanhas anti-tabagistas do Governo Federal em cadeia de rádio e televisão, que vêm conseguindo diminuir o número de fumantes no Brasil.

A instalação de novas tecnologias na unidade de Uberlândia levou ao fechamento das primeiras unidades da empresa, a de Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, o que gerou demissões em massa naquelas três localidades.

## **O FENÔMENO DA TERCEIRIZAÇÃO**

A compra dessas novas máquinas, que produzem praticamente o dobro das que existiam na unidade, fez com que surgisse uma intensa demissão na companhia, pois em vez de usar duas máquinas para atingir um nível de produção, a companhia passou a utilizar apenas uma, surgindo assim, o chamado desemprego estrutural. Com a globalização, um outro fator que contribuiu para as demissões na empresa, foi a “febre da terceirização”.

As grandes mudanças no sistema produtivo como salientam BENKO (1996) e PETRELLA (1994), revelam uma flexibilização da produção, da gestão empresarial, das relações de trabalho e da logística. Dentro da flexibilização, é importante salientar a terceirização ou subcontratação de serviços e de partes da produção. Assim, percebe-se a formação de redes entre as indústrias e outras empresas. Essas transformações afetam, especialmente, as grandes indústrias diante disto, a Souza Cruz reestruturou-se terceirizando vários serviços.

A terceirização ocorreu em massa, gerando mais desemprego estrutural e, ao mesmo tempo, criando postos de empregos indiretos, nos quais os empregados passaram a receber um salário menor para desempenhar as mesmas funções dos empregados que eram ligados diretamente à Souza Cruz.

Atualmente existem 25 empresas, que somam 788 funcionários prestando serviços à Souza Cruz em diversos setores e, dentre essas, as empresas mais importantes são:

- Decovalle: cuida da limpeza, jardinagem e operação do picador de lenha;
- Drete: manutenção predial e novas construções;
- Neon: sistemas de refrigeração;
- Conform: oficina mecânica (tornearia, fresagem, retífica, etc.);
- Empresa autônoma: laboratório químico (nessa área, trabalham apenas duas pessoas como autônomos);
- Intecnia: montagens e instalações industriais;
- Engeon: movimentação de cargas;
- Alerta Triângulo: vigilância;
- Empresa autônoma: retirada de aparas e sucatas internas (ferro velho da cidade);
- Habitar: gerenciamento de resíduos;
- Ser humano: gerenciamento de resíduos;

- T&P: almoxarifado de sobressalentes;
- Empresa autônoma: manutenção de computadores.

## **LEIS ANTITABAGISTA E CONTRABANDO: DESAFIOS OU REMATE ?**

Por meio de uma pesquisa feita em 1996, iniciativa do Instituto Nacional do Câncer, comprovou-se o que já se desconfiava, que o cigarro brasileiro está “turbinado”. As indústrias Souza Cruz e Philips Morris (a maior concorrente da Souza Cruz), detentoras de 90% do mercado brasileiro, adicionam amônia ao tabaco para que o fumo, ao ser queimado e a fumaça inalada, liberasse uma quantidade maior de nicotina no organismo do fumante, e mais nicotina é igual maior dependência do cigarro que é igual a maior prejuízos a saúde. Esta denúncia é a principal conclusão do primeiro grande relatório sobre o que os mais de 35 milhões de fumantes do país sofrem com o uso dos cigarros.

A amônia é um tipo de aditivo químico usado e abusado pelas indústrias, por reagir ressaltando o aroma, como o chocolate, doces, refrigerantes, etc, porém, no cigarro, seus efeitos químicos são quase criminosos. Isto acontece para que o fumante não abandone o vício.

O cigarro é um produto que faz com que o cliente morra consumindo-o. De acordo com as regras dos fabricantes, e estimativas dizem que, a cada ano, 3 milhões de pessoas em todo mundo perecem em decorrência de doenças associadas ao fumo. No Brasil, são de 80.000 a 100.000 mortes, ou seja, 8 a 10 pessoas por hora, e esta comprovado que, dos 35 aos 69 anos, um terço das mortes do mundo é relacionado ao fumo, que rouba em média 22 anos de vida dos fumantes. (Fonte: Revista Veja, 29 de maio de 99.)

O cigarro é tão mortal que já foi citado como fator de risco de 24 doenças diferentes, entre elas, o câncer de pulmão, faringe, laringe, esôfago, rim, colo de útero, entre outras. Porém as indústrias do cigarro são iguais a qualquer outras, têm interesses próprios, empregam milhões, faturam bilhões e não irão renunciar a isso enquanto houver clientes interessados.

O que as indústrias têm feito até agora é se defender, antes alegando que não podia ser comprovada a relação entre o cigarro e o câncer, porém, com os avanços das pesquisas atuais, as empresas passaram a alegar que os reclamantes haviam começado a fumar exercendo sua própria liberdade, por isso, eram responsáveis pelos males que o cigarro lhes causou.

A estratégia funcionou, nas décadas de 50 e 60, e todas as causas foram ganhas pelos industriais. Em 66, o ministério da saúde americana impôs que todas os pacotes de cigarros e anúncios de propaganda contivessem um aviso sobre os danos que o fumo poderia causar à saúde do fumante. Apesar dessa iniciativa ter animado os grupos antitabagistas, essas medida serviu também para reforçar ,ainda mais, a teoria de que os fumantes estão conscientes dos riscos do fumo.

Até o período em que a pesquisa foi feita, nenhuma indústria tinha sido obrigada a pagar qualquer indenização a fumantes, o máximo que já havia acontecido nesse período foi os sete poderosos da indústria do fumo responder a processo por perjúrio.

Em 15 de julho de 1996, foi criada a lei nº 9.294, a qual dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcólicas, defensivos agrícolas e medicamentos. As principais sanções sobre os produtos fumíferos foram: o uso e a propaganda de produtos fumíferos, derivados ou não do tabaco, estão sujeitos às restrições e condições estabelecidas por esta Lei, como advertência escrita e/ou falada sobre os malefícios do cigarro. Ficou proibido o uso de qualquer produto fumífero em recinto coletivo, privado ou público, salvo em área destinada exclusivamente a esse fim. E a propaganda comercial dos produtos referidos, somente será permitida nas emissoras de rádio e televisão no horário compreendido entre as vinte e uma e as seis horas, entre outras proibições.

Em julho de 2000, a Justiça da cidade de Alagoas tomou a decisão mais severa já aplicada contra a indústria do fumo no Brasil. Em sentença inédita, a Souza Cruz (maior fabricante de cigarro do país) foi obrigada a depositar 50.000 reais em juízo, para custear o tratamento de uma vítima de câncer nos pulmões, fumante inveterado por quase três décadas. O mérito do processo ainda não foi julgado, e a Souza Cruz pode até recorrer, mas antes terá que efetuar o depósito e, se não o fizer, pagará multa de diária de 30.000 reais. Essa estratégia recebe o nome de tutela antecipada, que visa evitar que a demora no julgamento cause dano de difícil reparação ou irreparável. E o argumento usado foi o mesmo que consta nos mais de setenta processos impetrados nos país contra a Souza Cruz e a Philip Morris : “A industria faz uso de propaganda enganosa e abusiva, elas sempre associa o cigarro à idéia de virilidade, charme, sucesso e coragem”. Observa-se que, com a decisão judicial e a campanha antitabaco do governo federal, coloca-se a indústria tabagista sob uma pressão de intensidade nunca vista no Brasil.

As últimas campanhas anti-tabagistas ganharam expressão nos últimos anos, pois, com elas, o Governo Federal pretende diminuir em 30% o número de fumantes no país. Em uma dessas propagandas, aparece um traficante dizendo que: “se o produto dele fosse bom, ele também colocaria alguns homens musculosos praticando esportes para influenciar o povão a usar seu produto”, fazendo uma analogia com a maioria das propagandas de cigarro no país.

A empresa defende-se dessas propagandas, dizendo que ainda não existem provas dos males que os cigarros provocam, e dizem que nenhum outro produto no mundo é tão perseguido quanto o cigarro. Entre alguns funcionários da empresa, ocorre o seguinte comentário: o cigarro é realmente muito perseguido pelos governantes, mas da mesma forma também deveriam ser perseguidos os produtores de bebidas alcólicas, pois nunca se viu falar que uma pessoa fumou um simples cigarro e saiu, por exemplo, atropelando e matando pessoas nas ruas, como ocorre com alguns que ingerem bebidas alcólicas e, posteriormente dirigem. Segundo o governo, essa queda na produção é importante para economizar dinheiro destinado à saúde pública, pois, com a diminuição do número de fumantes, também diminuiriam os casos de doenças respiratórias e cardíacas.

E, atualmente, o governo está envolvido na maior campanha antitabaco já realizada no Brasil. O Ministério da Saúde dispõe de 4,5 milhões de reais para gastar em propaganda sobre os malefícios do cigarro. É um dinheiro “miúdo”, se comparado aos gastos dez vezes maiores feitos anualmente pela indústria do fumo em propaganda. O ministério também enviou ao congresso um projeto de lei que proíbe a publicidade de cigarro nos meios de comunicação, o projeto foi aprovado pela câmara dos Deputados, restando a aprovação do Senado. Se aprovado, só será permitido incentivar o uso de cigarro dentro dos locais de venda.

O assunto é polêmico, pois mexe numa importante fonte de receita para o governo federal: mais 73,0% do preço do cigarro é recolhido aos cofres públicos e os 27% restante são divididos entre o empresário, o operário, o comerciante e o fumicultor.

Se a pressão governamental continuar sobre a Souza Cruz a tendência é que a fábrica de Uberlândia feche as suas portas em um curto espaço de tempo e instale-se em um outro país da América Latina ou até mesmo outra região do Brasil, que ofereça atrativos, ou então, após o término dos incentivos fiscais em Porto Alegre, aquela fábrica feche e transfira a sua produção para Uberlândia (maior e mais moderna fábrica da América Latina).

Um outro fator que está reestruturando o sistema produtivo da Souza Cruz é o contrabando de cigarros. O mercado informal reduziu a participação da Souza Cruz nas vendas de cigarro. O contrabando e a penetração crescente de fumos falsificados no Brasil fizeram com que as duas fábricas da companhia, uma localizada em Uberlândia (MG) e a outra em Cachoeirinha(RS), fossem reestruturadas. A concorrência com os “sacoleiros”, contrabandistas e falsificadores tem diminuído o mercado levou a empresa a ajustar a produção e a gestão empresarial.

Nos últimos quatro anos, quatro mil funcionários foram demitidos e 25 mil postos indiretos desapareceram. O presidente da companhia, Flávio de Andrade, afirmou que, do total das demissões efetuadas pela empresa, quase a metade ocorreu na unidade de Uberlândia. Esta fábrica é a segunda maior do grupo British American Tobacco (BAT), proprietária de 75% da Souza Cruz. A maior unidade do grupo está em atividade na cidade americana de Macon no estado da Georgia.

Atualmente, as fábricas operam com 40% de ociosidade devido ao contrabando e à atividade das fábricas clandestinas, que falsificam os cigarros da marca, em atividade principalmente no Paraguai. “A fábrica de Uberlândia tem capacidade para produzir 105 bilhões de unidades/ano, mas está produzindo apenas 60% dessa capacidade”. O mercado informal, no Brasil, está evoluindo tanto que já é superior ao consumo total da Argentina, sendo maior mercado da América do Sul. Em 1991, havia sete unidades de produção do grupo em atividade no Brasil, que empregavam mais de 20.500 funcionários.

O estado de Minas Gerais é o que tem uma evolução mais acentuada no mercado informal de cigarros. O estado responde por 40% desse mercado no Brasil, são R\$ 80 milhões em tributos que o governo mineiro deixa de arrecadar e o governo federal, este ano, vai deixar de arrecadar 1,3 bilhão. Na avaliação do presidente da Souza Cruz, outro fator que tende a fortalecer o mercado informal é a proibição da propaganda nos meios de comunicação.

Hoje, 10 bilhões de cigarros clandestinos ingressam no país ao ano, o que equivale a 20 % de vendas ilegais. Uma das principais razões do alto volume de comércio ilegal no Brasil são as diferenças de preços dos maços de cigarro praticados no mercado formal, que variam de R\$ 1,10 e R\$ 2,20, contra R\$ 0,50 e R\$ 1,00 do mercado informal, uma diferença de cerca de 60%. As diferenças tributárias do Brasil em relação a outros países, especialmente os que fazem fronteira com o País, incentivam o contrabando, pois, conforme citado anteriormente, os impostos incidentes sobre os cigarros no Brasil chegam a 73% contra 16% no Paraguai. Por exemplo, estimativas dizem que o mercado informal vai corresponder a 34% dos cigarros consumidos no Brasil, o que corresponde, aproximadamente, a 49,1 bilhões de unidades do



produto por ano, volume que gera uma receita de R\$ 1,85 bilhão, e o mercado formal brasileiro gera uma receita de R\$ 6,25 bilhões com a produção anual de 97 bilhões de cigarros.

Vale salientar ainda, que, mesmo com o aumento do contrabando e as campanhas antitabagistas, as empresas de cigarros continuam com o faturamento alto, conseqüentemente, o governo arrecada mais impostos e, apesar das restrições contra o fumo, enquanto existir mercado consumidor, a produção desse tipo de produto será, sem sombra de dúvida, viável.

## A REPRESENTATIVIDADE DA ATIVIDADE INDUSTRIAL EM UBERLÂNDIA

O setor secundário, em Uberlândia (MG), possui uma grande representatividade econômica, visto que, em 1980, o setor era responsável por uma significativa parcela de 28,6% da população economicamente ativa do município, enquanto que o terciário respondia por 64,6% e o primário por 6,8%. Se esses dados forem comparados aos de 1970, verificar-se-á que o setor primário sofreu uma queda de 9,4%, o setor secundário teve um aumento de 8,4% e o terciário um aumento de 1%.

O percentual do setor terciário permaneceu praticamente o mesmo entre 1970 e 1980 (63,6% e 64,6%, respectivamente). Nesse período, o percentual do setor primário caiu de 16,2% para 6,8%, enquanto a participação do setor secundário cresceu de 20,2% para 28,6%. Todo esse crescimento deu-se em função da implantação do Distrito Industrial, em 1971, e das novas mudanças do desenvolvimento industrial do município. A partir daí é que a indústria ganhou um novo peso na economia da cidade.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), o peso da indústria uberlandense é de suma importância no que diz respeito à arrecadação de ICMS. Por exemplo, em 1991, a cidade arrecadou, com a indústria 47,3% de ICMS, conforme tabela abaixo. No ano de 1991, o ICMS arrecadado em Uberlândia foi de 7,61% do total do Estado de Minas Gerais e 0,74% do Brasil, sendo o terceiro município do estado em arrecadação, atrás de Belo Horizonte e Betim. Conforme tabela abaixo:

PARTICIPAÇÃO NO ICMS (1991)				
Setor de atividade		US\$	Participação	Participação
Primário	Agricultura	2.195.959,00	1,10%	2,47%
	Pecuária	2.734.968,00	1,37%	
Secundário	Indústria	94.426.258,00	47,30%	47,30%
Terciário	Comércio	61.067.637	30,59%	50,23%
	Outros	39.207.858	19,64%	
Total		199.632.680,00		100%

Fonte: Revista Uberlândia Documento

Em 1993, a indústria de transformação foi responsável por 64,07% do Valor Adicionado Fiscal – VAF de Uberlândia, segundo PMU. Um outro fato que comprova a importância da indústria em Uberlândia são os dados referentes ao Pessoal Ocupado e ao VTI (Valor da Transformação Industrial) do Censo Industrial de Minas Gerais-1980. Os dados relativos ao Pessoal Ocupado tratam da quantidade de pessoas empregadas na indústria em 31 de dezembro de 1980. O VTI significa o valor que é adicionado pela indústria, durante o processo de produção, aos produtos que foram comprados por ela e lhe serviram como matéria prima. O VTI é um indicador importante do papel da indústria, seja pelo estímulo gerado aos demais setores, seja pela capacidade de aumentar a arrecadação tributária e, conseqüentemente, o financiamento de gastos públicos.

O censo de 1980 gerou dados de vários gêneros (Bebidas, Química, Têxtil, Produtos Alimentícios, etc), que, somados, perfaziam 85,35% do total do Pessoal Ocupado na indústria de Uberlândia. Os 14,65% restantes correspondem a três gêneros que não são revelados pelo fato de existir apenas uma empresa em cada gênero. Os 3 gêneros são os seguintes: Fumo; Perfumaria, sabões e velas; Produtos farmacêuticos e veterinários. Sabendo-se das grandes dimensões da Souza Cruz S/A (única do gênero fumo) e da inexpressividade dos outros gêneros na indústria de Uberlândia, pode-se deduzir que quase todo o montante dos “gêneros não fornecidos” refere-se à indústria do Fumo.

Cumpramos evidenciar isto mediante um comparativo entre os Produtos farmacêuticos e veterinários em 1980 tinham 11 estabelecimentos, empregavam 447 funcionários, enquanto que o gênero fumo representado por 1 único estabelecimento (Souza Cruz), empregava 1384 funcionários.

Em 1985, foi feito um outro Censo Industrial o qual permitiu então traçar comparativos entre o anterior e o atual (1980/1985), pelo qual se verifica que houve uma pequena variação. Os dados do Censo de 1985

mostram quatro gêneros que possuem porcentagens bastante distintas entre si, no que diz respeito à distribuição do pessoal ocupado. Ver tabela abaixo:

GÊNEROS	1980 (%)	1985 (%)	VARIAÇÃO (%)
Produtos Alimentares	29,97	27,32	1,95
Fumo	12,48	13,35	0,87
Metalúrgica	7,8	7,43	0,37
Têxtil	4,05	3,7	0,35
Diversas	2,94	1,42	1,52
Demais Gêneros	42,75	46,78	4,03
<b>TOTAL</b>	100,00	100,00	

Fonte: Censo Industrial de Minas Gerais de 1985

Já no VTI, ao contrário do que aconteceu com o Pessoal Ocupado, ocorreu um aumento percentual do gênero Fumo de 39,69, em 1980, para 48,31, em 1985, do Têxtil de 7,47 para 9,10 e os Diversos de 0,73 para 1,01; e tiveram uma queda nos gêneros Produtos Alimentares de 30,31 para 24,58; Metalúrgica de 3,71 para 3,29 e Demais Gêneros de 18,08 para 13,71.

Pode-se então, notar que o gênero fumo é responsável por grande parte do VTI de Uberlândia e, também, por uma parcela significativa do Pessoal Ocupado, o gênero Fumo, em que a Souza Cruz é a única atuante, também justifica o estabelecimento de um tipo exclusivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, percebe-se o quanto a atividade industrial é importante para o desenvolvimento local e regional. Constata-se, isto pela representatividade que uma única empresa possui, porém não deixando de ressaltar a expressividade que a Companhia de Cigarros Souza Cruz S/A tem em Uberlândia e em todo território nacional e internacional.

Observo-se a dinâmica das transformações que uma empresa do porte da Souza Cruz trouxe e traz para a vida econômica e social da cidade de Uberlândia, como empregos, arrecadação de impostos (sendo considerada uma das principais empresas da cidade, tendo ficado em 1º lugar no ano de 1999, segundo a Prefeitura de Uberlândia).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Luíz Augusto: Informalidade faz Souza Cruz fechar fábricas: fábricas de cigarro no Paraguai proliferam. **Gazeta Mercantil**, Uberlândia, 4 setembro 2000. Indústria. P. 5
- CORRÊA, Roberto Lobato et al: **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. .,1995. 353 p. p.16-44.
- LEITE, Virginie et al. O segredo do cigarro turbinado: **R. Veja**, São Paulo, v.1446,n.22,p.88-99, maio.1996.
- MARTINS, Humberto E. de Paula: **Distribuição da Indústria no Espaço Urbano**: um estudo de Uberlândia no período recente. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 1996. 58-86 (Dissertação, Mestrado).
- PASTORE, Karina. A derrota do fumo: **R. Veja**, São Paulo, v. 1656,n.27,p.106-107, julho.2000.
- SIRIUS, Multimídia. Souza Cruz. Uberlândia.Ago.2000. Seção Empresa, Ciclo do fumo e Produto. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/index.htm>. Acesso em: 20 ago. 2000.